

ATRATIVIDADE TERRITORIAL E CEMITÉRIOS INDUSTRIAIS: FORTALEZAS E DEBILIDADES DA REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE BUENOS AIRES

Horacio Bozzano¹

O atual contexto da reestruturação da indústria repõe a metrópole de Buenos Aires como primeiro território da Argentina na atração de inversões industriais, deixando de lado a tendência conduzida por meio da política de promoção regional e setorial que, durante meio século, com alguns intervalos, procurou equilibrar as trajetórias territoriais diferentes entre o interior do país, menos atrativo, de um lado, e as grandes cidades com maior trajetória industrial, por outro lado. Referimo-nos, particularmente, a Buenos Aires, em primeiro lugar, mas também a Córdoba, Rosário e Mendoza.

Entre as opções dominantes da reestruturação da indústria na Argentina², sobressai a região metropolitana de Buenos Aires (RMBA), pelas compras, associações e fusões de empresas estrangeiras, que pretendem aumentar o espaço entre ganhadores e perdedores, reduzindo a competição e as margens de manobras e negociações conseguidas pelo empresariado PyME (de pequenas e médias empresas) da região durante uma boa parte da história da industrialização anterior.

Neste contexto de vantagens aparentes em Buenos Aires, podemos dizer que no interior da RMBA nem tudo é *atratividade territorial* para a indústria, senão que ao menos há outras três lógicas da reestruturação que coexiste de maneira complexa e que se justapõem nos territórios. O desdobramento heterogêneo destas quatro lógicas induz-nos a propor quatro territórios de reestruturação da indústria dominante na RMBA. Trata-se de meios com “atratividades territoriais genuínas”, aqueles com “pseudoatratividades”, os “territórios mistos” mas autônomos em relação ao

¹ Geógrafo da Universidad de La Plata, Argentina.

² A partir de Monza (1993), Kosacoff (1995) e de uma investigação realizada entre 1992 e 1998, identificamos quatro componentes da reestruturação da indústria. Em resumo, trata-se de fusões e aquisições, de mudanças no peso relativo do atrativismo territorial, setores e cemitérios industriais de reconversão tecnológica em processos e produtos e de mudanças organizacionais.

processo da reestruturação e o "cemitério da indústria" da primeira coroa metropolitana.

Como veremos na continuação, no interior dos territórios se desenvolvem as trajetórias industriais, matizes de uma cultura das indústrias, opções mais ou menos genuínas, através de fusões e aquisições de empresas, reconversões em processos e produtos, mudanças organizacionais, movimentos políticos, estratégias econômicas, modalidades de inserção no Mercosul, conflitos ambientais...

O que vão sugerindo estas complexas relações, freqüentemente ocultas? Ganhadores e perdedores, ameaças e oportunidades, fortalezas e debilidades...

Não são todos os ganhadores que criam fortalezas genuínas nos territórios pois encontramos também "quase em códigos", uma duvidosa atratividade territorial. Os tecidos mistos se confundem, às vezes, entre uma difícil convivência moradia-escritório de trabalho-depósito-indústria, por uma parte, e a ameaça de desaparecer como tal, por outra. Freqüentemente, esses locais de trabalho se refuncionalizam diretamente no tecido urbano consolidado ou bem não diferenciam uma coisa nem outra. No pior dos casos podemos chegar a reconhê-los como cemitérios industriais.

O propósito desta investigação³ é identificar as fortalezas e as debilidades dos territórios industriais metropolitanos a partir das hipóteses das quatro lógicas de ocupação mencionada. A intenção final é oferecer opções de política de territórios concretas para as gestões locais e no contexto de uma estratégia global em nível nacional, não somente orientada aos ganhadores como também aos perdedores⁴.

Neste trabalho, começaremos por analisar os traços significativos da reestruturação da indústria atual para identificar logo quem ganha e quem perde. Isto permite, ao nosso ver, reconhecer fortalezas e debilidades da cultura da indústria. E é a partir disso que começaremos a expor nossa "olhada" territorial sobre a atratividade, os cemitérios e outros meios

³ A partir de uma tese de doutorado recentemente defendida sobre a temática "Os territórios da reestruturação das indústrias na região metropolitana de Buenos Aires entre 1992 e 1999", sob a orientação de Jean Revel-Mouroz, na Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle.

⁴ Trata-se de uma investigação realizada para o CEB (Centro de Estudos de Buenos Aires) em um projeto das Nações Unidas - PNUD, Argentina 94/013, da Secretaria de Indústrias da Nação: "Parques, setores industriais planejados e zonas industriais do Estado de Buenos Aires. Bases de dados e avaliações da localização existente". A primeira etapa foi finalizada em fevereiro de 1999. Propomo-nos, doravante, a aprofundar esta investigação com o propósito de torná-la cada vez mais aplicada.

industriais, para continuar com o território e a indústria na metrópole em três escalas: macro, médio e micro. Esquemáticamente, a abordagem "reestruturação, ganhadores-perdedores, fortalezas-debilidades, atratividade-cemitérios, território-indústria" permite introduzir, finalmente, níveis de propostas quanto a uma política territorial para a indústria em uma grande metrópole de um país não central.

Traços da reestruturação industrial

Sobre as manifestações heterogêneas do atual processo de reestruturação industrial surgem diferentes trajetórias tecno-produtivas que permitem compreender as diferentes inserções de cada país, conforme se trata dos países "inovadores", "imitadores criativos" ou "da industrialização lenta". Mesmo considerando que a trajetória industrial e o progresso tecnológico da vanguarda na América Latina tenha situado a Argentina em certas posições - próximas à fronteira da inovação - o desdobramento atual da reestruturação em Buenos Aires, em sua região industrial por excelência, não parece seguir o mesmo caminho. O nível de industrialização alcançado pela RMBA, mesmo que no momento da reestruturação não estivesse situada na vanguarda tecnológica, era muito importante⁵.

Os tempos da industrialização e os da reestruturação industrial foram breves, duros, sem transações e sem anestesia porque eles foram gestando, por um lado, debilidade induzida ou não induzida no poder reivindicativo que, durante uma boa parte da trajetória industrial argentina, tiveram trabalhadores e sindicatos; por outro lado, as variações dos progressos industriais do empresariado argentino fazia outras opções por oportunidades mais vantajosas. Mesmo reconhecendo ensaios exitosos, não observamos ainda uma política industrial sólida, de apoio a todos os setores reestruturados, ou seja, os ganhadores e os perdedores.

É provável que a reestruturação econômica global está dando lugar, em Buenos Aires, a uma reformulação da "sociedade de empare" que

⁵ A partir da investigação realizada, identificamos que entre os sete "motivos de venda industrial publicados, 90,7 % das fábricas tinha maquinaria industrial em seus estabelecimentos. Podemos concluir que a própria dinâmica de adaptação das empresas é mais importante que outros fenômenos como realocização, mudança de lugar ou dissolução da sociedade.

⁶ Afirmamos aqui que o modelo agro-exportador da industrialização substitutiva não tirou vantagens. A propósito desta atrativa hipótese, cremos que há muito por investigar no que

produz entre o modelo agro-exportador e a industrialização substitutiva, mais que uma estratégia industrial, genuína e durável cuja natureza da reestruturação se aproxima cada vez mais a uma fase do tipo territorial, denominada "borbulha" (Nochetff, 1994).

Quando a reestruturação se inicia na Argentina e pretende dominar a lógica econômica da competitividade, as políticas econômicas da reestruturação aparecem, posterior e freqüentemente, como paliativo e as políticas de trabalho são as últimas em incorporar-se, uma vez que o tema do desemprego se estabelece como nunca na sociedade argentina. Entre as opções dominantes da reestruturação industrial prevalecem, na RMBA, aquelas de compras, associações e fusões de empresas estrangeiras, que pretendem aumentar os espaços entre ganhadores e perdedores, reduzindo a competência e a margem da manobra conseguida pelo empresariado PyME da região durante uma boa parte da história industrial.

A adaptação industrial em processos e mudanças organizacionais domina entre as grandes empresas estrangeiras em menor medida que entre as nacionais, tendência que começa pela adaptação industrial em processos e produtos. Trata-se de uma das opções mais restritivas ao desenvolvimento de uma cultura industrial local. No que concerne às PyMEs (pequenas e médias empresas), a lógica da reestruturação industrial não pretende expulsar a mão-de-obra pela mudança tecnológica incorporada, nem captar desemprego das grandes empresas senão, sobretudo com o fechamento das empresas PyMEs, expulsar trabalhadores do setor formal. As microempresas de serviços comerciais e industriais são, em geral, o principal refúgio que contribui a incrementar cada vez mais o setor informal urbano.

Neste contexto, a reestruturação industrial contribui a gerar um "efeito de cascata" onde o conflito gerado pela concentração econômica das grandes empresas influi sobre as PyMEs, cujo fechamento reforça o papel de refúgio das microempresas. A sociedade adota uma estratégia econômica de duas mãos e o espaço aumenta entre as lógicas sempre mais competitivas e aquelas de "sobrevivência" cada vez mais freqüente.

Nesta investigação, a reestruturação industrial mais profunda identificada é a do complexo automotriz na Argentina. Em cinco ou seis anos multiplicou por quatro a produção de automóveis. Três das seis grandes empresas mundiais se instalaram mantendo o mesmo nível de trabalho e dois

concerne ao enraizamento e ao caráter genuíno de uma cultura de agricultura, por um outro lado e uma cultura industrial, por outro.

terços dos estabelecimentos continuaram a funcionar ou desapareceram⁷. Entretanto, a recente revolução econômica no Brasil parece introduzir restrições ao desenvolvimento do complexo automotriz argentino.

Outro traço importante da reestruturação é a estratégia de implantação de empresas estrangeiras⁸. Há inversões diretas francesas que são heterogêneas pela atratividade territorial, mas com um traço dominante comum: os cemitérios industriais de maior valor anexado. Entre as 72 empresas industriais francesas instaladas na Argentina em 1996, não se observa o controle de um setor, sendo importantes aquelas de alto valor agregado - de apoio às telecomunicações, à eletrônica e aos aparelhos de precisão; as com em recursos naturais intensivos - petróleo, alimentos e bebidas e aquelas do complexo automotriz: terminais e autopartidas.

Quem ganha e quem perde?

A reestruturação industrial não compete somente aos grandes empresários, mas também aos PyMEs, às microempresas e a todos os trabalhadores industriais. Em níveis institucionais, abrangem os instrumentos da política e aquelas ações que freqüentemente ocultam ou marginalizam outras questões. É nesse contexto que surgem ganhadores e perdedores.

Os ganhadores da reestruturação industrial da RMBA são não só os "comandos" das empresas transnacionais e as grandes fábricas hiper-competitivas do Mercosul mas também as PyMEs que, ligadas entre si, lutam para manter-se competitivas. Os ganhadores da reestruturação são as transnacionais que estrêiam na Argentina, mas também são as empresas

⁷ De oito usinas de montagem e 1500 empresas distribuídas em proporções quase iguais, que contrataram pessoas de primeiro e segundo nível de terminais e autopartidas, passou-se em poucos anos para um complexo composto por 11 terminais automotrizes, 7 ou 8 grupos empresariais provedores de conjuntos ou subconjuntos, 40 a 60 PyMEs médias em aceitáveis condições de competitividade, 280 PyMEs pequenas integradas em uma rede de provedores que haviam incorporado ou estavam incorporando o *just-in-time* (justo-a-tempo) em seus processos produtivos e por último, outros 200 provedores entre os que dominavam aqueles que estavam ligados ao mercado de peças de reposição.

⁸ As empresas francesas adotam de preferência, na Argentina, estratégia gradual que começa em geral por um representante de uma sociedade local que estabelece relações com uma empresa francesa. A consolidação da atividade deriva freqüentemente na criação de um escritório representante da sociedade-matriz francesa que, por sua vez, não dispõe do próprio orçamento. Finalmente, cria-se a filial, ou seja, toda sociedade criada ou adquirida por uma empresa francesa que possui, no mínimo, 10% do capital.

nacionais que foram se amadurecendo nas trajetórias industriais de duas, três ou quatro gerações.

Os perdedores da reestruturação industrial da RMBA são as PyMEs que não podem alcançar o padrão *standard* da qualidade internacional, cada vez mais fruto da competitividade e exigido pela adaptação aos novos sistemas e técnicas de produção. Essas empresas não podem ingressar nem parcialmente nos mercados externos. Os perdedores são também as microempresas que, não sendo competitivas com as PyMEs nem com as grandes empresas, não podem se manter dentro das lógicas de sobrevivência.

As atratividades territoriais e os setores ganhadores são: automotriz, farmacêutica, bebidas alcoólicas, alguns setores intensivos em escalas e em capital, como por exemplo a siderúrgica, petroquímica, destilação do petróleo e alumínio, e os setores da tradição agroexportadora, em particular os complexos azeiteiros e farinheiros e a indústria frigorífica. O complexo automotriz e no setor farmacêutico diferenciam-se na adaptação das empresas no processo e na qualificação, enquanto que, de modo geral, o restante registra importantes inversões em equipamentos.

As atratividades territoriais e os setores perdedores são em geral a metalurgia e outros bens de capital, entre os quais destacam-se alguns setores como os de máquinas-ferramentas ou a microeletrônica que, havendo já alcançado níveis de desenvolvimento tecnológico local considerável, começam a receber os efeitos do novo contexto da abertura da reestruturação. Alguns dos outros setores, mais intensivos no trabalho, como o têxtil, o de roupas, calçados e alguns cemitérios industriais da indústria alimentícia e de móveis, sofrem com a competição, particularmente do Sudeste Asiático.

Mesmo considerando que a maioria dos territórios da reestruturação industrial combinam ganhadores e perdedores, os territórios ganhadores na RMBA dominam nas periferias conectadas com Buenos Aires e o Mercosul, mesmo que os territórios perdedores sejam galpões vazios de cemitérios industriais da primeira coroa metropolitana desenvolvida durante as fases de industrialização substitutiva.

A onda reestruturadora alcança de forma direta e indireta todo o universo industrial. Uns ganham e outros perdem, alguns se confundem sem alcançar estes extremos, mas no fundo encontramos uma cultura industrial. O estado, os empresários e os trabalhadores, todos juntos, constroem, reconstróem ou destróem a cultura industrial.

Fortalezas e debilidades da cultura industrial

O contexto social, político e econômico antes de 1990 contribuiu para gerar o cenário para que a reestruturação industrial, incorporada com força e sem transições. Trata de um contexto de debilidade generalizada de uma cultura industrial⁹ manifestada em setores empresariais, no movimento operário em sindicatos e nas instituições encarregadas de formular as políticas industriais propriamente ditas. Em contrapartida, uma "elite econômica" manifesta-se em uma orientação que termina privilegiando opções de inversões em outros setores, principalmente comerciais e de serviços imobiliários.

Hoje a consolidação da cultura industrial tem "ameaças e oportunidades" (Jordi Borja) ligadas ao desdobramento dos quatro componentes da atual reestruturação industrial. À medida que as ameaças e oportunidades tornam-se concretas, vão gerando "fortalezas" e "debilidades" não somente nos traços característicos dominantes do conjunto dos atores como também nos territórios emergentes.

As "ameaças" tendem a se concentrar no peso que, desde 1994, adquire na Argentina uma dinâmica de fusões e aquisições de empresas onde a transnacionalização e as grandes empresas estrangeiras prevalecem sobre as líderes do mercado nacional¹⁰. Na medida em que o progresso industrial, nos anos seguintes, tem inserção crescente na economia global, a margem da manobra das grandes e das PyMEs com trajetória industrial local tenderá a reduzir-se em Buenos Aires, provocando debilidades no núcleo da cultura industrial.

As novas oportunidades que se apresentam através da introdução das capacidades tecnológicas, as quais possuem muitas variantes, incluem gradualmente PyMEs e grandes empresas locais com trajetória industrial em termos de adaptação tecnológica em processos e produtos e em melhorar a

⁹ A cultura industrial é conhecida a partir da presença de uma trajetória de complexos desdobramentos e articulações de empresários, trabalhadores e atores públicos, nem sempre com êxito, que permitem reconhecer níveis de desenvolvimento industrial genuínos com uma base de sustentação que favorece sua consolidação.

¹⁰ A reestruturação industrial na Argentina, conforme a dinâmica de aquisições, é a mais importante da América Latina. Em 1994 e 1995 na Argentina a venda de empresas dobra o valor daquelas vendidas no Chile, supera em 30% as do Brasil e por volta de 25% as do México. Esta faceta da reestruturação pode transformar-se em negativa em poucos anos se considerarmos que se interrompam importantes progressos industriais.

negociação, organização e qualificação dentro da empresa. Esta situação contribui para melhorar a competitividade, reposicionando o mercado local, estabelecendo redes com as grandes e/ ou ampliando o perfil exportador. Hoje, as fortalezas do núcleo da cultura industrial podem ser observadas em um conjunto importante de empresas que melhoraram sua conduta tecnológica em atratividades territoriais e cemitérios industriais muito heterogêneos.

As oportunidades se apresentam também nas pequenas e inúmeráveis organizações estimuladas indiretamente pelo próprio processo de reestruturação - que gradualmente incorporam, não sem esforço, uma boa parte dos microempresários e as pequenas indústrias. Sua lógica de funcionamento está mais afastada da reestruturação industrial que do resto das empresas. Aqui as fortalezas orientam particularmente a partir de modelos de consumo urbano, geralmente instalados na sociedade. Eles não constituem o núcleo do processo: mesmo assim é possível reconhecer o germen de uma cultura industrial com forte raiz.

Em um nível de análise macro, há outra ameaça histórica. Uma inércia de duas ou três gerações, bastante difundida, manifestada em um progresso onde a mudança tecnológica não foi líder do processo, sendo secundária uma trajetória onde o peso do sindicalismo no movimento operário foi fragmentado em suas relações do poder, uma cultura onde o empresário não pode nem soube levar totalmente aquelas restrições. Essa é uma cultura que repousou durante longos períodos na proteção nacional da substituição de importações. A permanência destas dificuldades estruturais no que concerne à formação de uma cultura industrial, não faria senão consolidar as debilidades.

No atual contexto de reestruturação industrial surge uma oportunidade histórica para o Estado: a reestruturação efetiva e não retórica de sua política industrial. A superação das políticas de proteção próprias das fases substitutivas e o reposicionamento de numerosos programas de regimes setoriais em vigência e no referido projeto deveriam compartilhar, na prática, o pressuposto de uma base comum no papel do Estado articulador da competitividade desencadeando inúmeráveis oportunidades que oferece na reestruturação para cada atratividade territorial e para muitos cemitérios industriais. As fortalezas e as debilidades surgirão na medida em que as políticas se aproximam ou se afastam de um progresso industrial mais genuíno.

Neste complexo contexto de consolidação e de desmoronamentos simultâneos de uma cultura industrial genuína, nem todos os ganhadores da

reestruturação industrial pretendem gerar fortalezas genuínas. Os novos gigantes do Mercosul e outras grandes empresas nacionais ou internacionais com trajetória na Argentina, geram "fortalezas contra-indústrias" priorizando suas estratégias mundiais no interior de cada empresa por cima da consolidação de redes horizontais ou verticais com outras empresas nas metrópoles de países periféricos.

Se as oportunidades emergentes dos instrumentos da política industrial tentam crescentemente fazer a consolidação das fortalezas "contra-indústrias" dos grandes do Mercosul mais que consolidar um encadeamento com outras grandes e PyMEs locais, é provável que veremos abrir-se um quadro de debilidades mais generalizadas. Esta situação daria as bases da "pseudo-atratividade territorial".

Hoje a reestruturação industrial mostra claramente todas as opções existentes: os ganhadores e os perdedores, as ameaças e as oportunidades, as opções mais genuínas daquelas grandes indústrias que formulam e executam suas estratégias em países com fracas políticas industriais. Os supostos perdedores da atratividade territorial e da pseudo-atratividade estão claros como também as outras lógicas de ocupação: os "cemitérios industriais" e os "territórios mistos" mas autônomos na onda da reestruturação¹¹.

Atratividade territorial, cemitérios industriais

Enquanto que a atratividade está ligada em uma industrialização mais afastada e genuína -hoje, competitiva - posicionando de maneira vantajosa a Buenos Aires, as outras lógicas se afastam dela.

Uma pretende formar os territórios hiper-competitivos das grandes indústrias internacionais em nível mundial, mas bastante afastados das regiões industriais locais. A outra lógica mantém bastante afastado, por sua trajetória industrial ligada ao consumo urbano - o tecido misto - enquanto

¹¹ Estes quatro territórios com nome e sobrenome não surgem automaticamente da análises do processo de reestruturação, nem da identificação de ganhadores e perdedores, tampouco dos traços principais da cultura industrial. Em todo caso é preciso sublinhar as zonas industriais específicas a partir de todas estas situações que não são necessariamente "zonas industriais específicas". Neste contexto estabelecemos que o conceito do território é posterior e que se constrói a partir da articulação sucessiva de cinco instâncias de aproximação: as ordens do ser - físico, biológico, histórico e psicológico - simbólico, dos níveis de análise - macro, médio e micro, das dimensões de análise sócio-cultural, política, econômica, física natural e física construída, das temporalidades e das zonas industriais. A territorialidade surge com uma combinação particular de zonas industriais que respondem a processo, lógicas e fenômenos de todas as dimensões e de todos os níveis, analíticos mencionados.

que o restante refere-se àquela que é própria da passagem de modelos mais rígidos a modelos mais flexíveis, contribuindo para gerar territórios baldios industriais numa boa parte dos territórios: trata-se dos "cemitérios industriais".

Os lugares com maior atratividade territorial¹² são aqueles que oferecem mais oportunidades para a instalação, o desenvolvimento, o encadeamento e a consolidação de indústrias e de estabelecimentos associados. Sua territorialidade define-se por seu meio industrial local medido pela presença de "capitais formais" e "rendas organizacionais" (Javet 1993) mas também pela relação com as lógicas de ocupação vizinhas à conexão de vales de emprego e subemprego, a acessibilidade metropolitana, a acessibilidade a mercados macro-regionais, as vantagens fiscais e o quadro legislativo.

É necessário dizer que, nas condições atuais, a reestruturação industrial na RMBA não oferece atratividade industrial nem mesmo as bases necessárias para gerar, atualmente, um complexo industrial científico-tecnológico e superar os importantes casos desenvolvidos na primeira metade do século; não há tampouco condições suficientes para criar áreas tecnológicas nem cidades tecnológicas com atratividade territorial genuína.

Os meios com "pseudo-atratividade territorial" são os geradores de hoje que não pretendem desenvolver conexões com os meios locais nem tampouco estabelecer relações significativas em seu ao redor, com aquelas exceções indispensáveis para conseguir uma inserção comercial nos mercados dos países periféricos onde se estabelecem. Sua territorialidade está perto de uma nova versão das antigas "indústrias encahadas" onde as grandes indústrias pretendem estabelecer seus territórios mundiais a partir das redes planetárias ligadas em encadeamentos entre lugares distantes onde há redes locais de subcontratação.

Os "territórios mistos" são - entre os territórios industriais - os mais autônomos ao processo de reestruturação industrial, considerando que a indústria própria destes lugares sobrevivem ao dito processo e "coabita" com os bairros onde se instalam. Isto permitirá haver uma forte tendência à

¹² A atratividade territorial e a "pseudo-atratividade" não são somente industriais; nelas se observa atualmente pequenas e numerosas porções de uma metrópole conformada por alguns meios residenciais e "quase-encahados" comerciais e de serviços, distribuídos em uma região dominada por lógicas de ocupação onde se pretende desmorrar as condições de vida e o acesso aos empregos. A zona industrial específica da inversão pública, privada e concessionada em infra-estruturas sociais e econômicas contribuem para aprofundar a qualidade do espaço urbano.

estabilidade tanto em sua trajetória local como em seu perfil industrial. Sua territorialidade define-se pela coexistência e justaposição das zonas industriais específicas: uma ligada a sua consolidação local e a outra ao atual desdobramento de micro empresas e PyMEs, sobretudo pequenas que, incorporando algumas mudanças em sua organização e gestão empresarial, continuam com as suas lógicas de produção ligadas ao consumo urbano.

O "cemitério industrial" da PCM sobrevive ao maior perdedor da reestruturação industrial, onde produz o maior contraste entre o progresso industrial prévio e a impossibilidade de reconverter a indústria. Coincide em geral com os meios de maior passivo ambiental, situação que pode complicar seu destino urbano. Sua territorialidade constrói e desconstrói em não menos de duas gerações de implantação industrial de zonas industriais específicas desde sua origem. Estes quatro tipos territoriais não superam 1% da superfície total da RMBA¹³, nem tampouco tratam-se de territórios onde verificamos um padrão territorial determinando, na maioria dos casos estes se apresentam mesclados com outras lógicas de ocupação. Mas, em todo caso, se o objetivo é propor instrumentos de política territorial para seu ordenamento, é necessário trabalhá-los tal qual se apresentam. Portanto, é necessário incorporar os meios onde se inserem. E o cenário chama-se Buenos Aires.

Buenos Aires: territórios e indústria

Buenos Aires é um dos três ou quatro maiores mercados urbanos do mundo entre os países periféricos, caracterizado por uma importante concentração econômica em atratividades industriais, comerciais e de serviço, uma queda generalizada nos níveis de ingresso da "classe média argentina", notáveis desigualdades sociais, econômicas e tendências crescentes de fragmentação territorial.

A RMBA concentra em 4.556Km² uma população de 13,2 milhões de habitantes, em um universo industrial de 28.400 microempresas, 14.000

¹³ Em nossa investigação havíamos estabelecido sete pontos de partida, sendo um deles o seguinte: "o caráter não dominante da indústria no território metropolitano, tanto no concernente como em outras lógicas de ocupação urbana e ao redor da cidade, como em relação à sua significação em termos espaciais, sociais, econômicos e ambientais (Op.cit., 1999).

PyMEs, 1.500 estabelecimentos grandes e médios, com um total de 550.000 empregos industriais e um universo metropolitano de 158.000 quarteirões, 4,5 milhões de parcelas urbanas e 44.000 frações intercaladas e ao redor da cidade, distribuídas em 41 distritos municipais.

Para alcançar alguns níveis positivos da política territorial concretos, trabalhamos desde o começo com uma concepção que se mantém na gestão do território. Ela tenta articular três níveis analíticos: macro, médios e micro¹⁴, a partir do trabalho, da investigação e da maturação dos maiores níveis de consenso possível, entre as principais referências diretas e indiretas do processo estudado.

A escala macro: definirmos que o processo de organização territorial da RMBA por cinco instâncias dominantes de um ciclo que desde a origem da cidade mantêm, em termos gerais, sua estrutura e a reprodução de dita estrutura¹⁵ é afirmar esse jogo contínuo entre a permanência e a redefinição permanente do território.

Referenciada, essa escala, aos âmbitos urbanos e ao redor da cidade, trata-se, em síntese de: 1) a criação e a expansão, 2) a consolidação, 3) a

¹⁴ 13) Na escala macro, referimo-nos à organização territorial (Coraggio 1979), na escala média tratamos as lógicas da ocupação, enquanto que no nível micro trabalhamos com os padrões territoriais.

¹⁵ No capítulo original da nossa tese, ao nos referirmos às transformações territoriais da RMBA desde 1580 até 1980, foram vistas as cinco instâncias do processo de organização territorial. A primeira compõe-se claramente a partir da decisão de seus fundadores de diferenciar a cidade da "galinha do ovo de ouro" e a cidade dos "tipos de estâncias" para o caso de Buenos Aires, dois ou três séculos mais tarde, pela materialização de subdivisões urbanas e rurais geralmente associadas a estações ferroviárias, aquelas que apareceriam nos principais subcentros metropolitanos. Este carimbo cadastral recebe o carimbo socio-cultural e as inversões públicas que lentamente consolidam e fortificam os territórios, as instâncias de estancamento dominadas nos primeiros séculos em Buenos Aires, as cinco instâncias deste processo. Em síntese resumida: até 1880, podemos mencionar a aldeia de Buenos Aires com uma escassa produção artesanal, seu pouco significativo porto, os "caminhos reais", as chácaras de frutas e verduras, as barracas de escravos, o Rio da Prata e o Riachuelo dos navios como os principais componentes da organização territorial durante quase dois séculos: salgadeiras, manufaturas quase artesanais, um significativo comércio no porto de alto mar e da origem das localidades periféricas que se incorporaram no processo mais tarde. Desde a grande imigração europeia no processo, a cidade chegou a ser notavelmente um complexo: em meio século - 1880/1935 - a cidade multiplicou por cinco sua população e por oito sua superfície. Entre 1947 e 1991, a RMBA passa de 4,7 para 11,5 milhões de habitantes, estimando-se atualmente uma superfície de 4.456 km².

fortificação, 4) o estancamento e 5) a reestruturação¹⁶. Há outras situações que de diversas maneiras integram estas instâncias fazendo referências a refuncionalização, a recuperação e a outras modificações de diversos âmbitos metropolitanos. Nestes casos tratar-se-ia de lógicas e de formas particulares de ocupação.

Bem ou mal feita, a industrialização construiu uma cultura industrial em Buenos Aires durante mais de um século da sua história. Só uma década bastou para destruir uma boa parte dela... E menos tempo ainda para que a indústria possa reestruturar-se com ganhadores e perdedores, com uma cultura industrial genuína e com estratégias das grandes empresas mundiais.

Os territórios da reestruturação industrial na RMBA são novos expoentes das zonas industriais específicas de vales de emprego e de subemprego. Na medida em que se reduz o número de trabalhadores, reduz-se também o salário relativo, aumenta o nível de qualificação no interior das fábricas e coloca-se em terceiro lugar o emprego com níveis de qualificação heterogêneos. Produz-se um processo de seleção onde a menor qualificação e os que menos possuem valores perdem. A reestruturação atual contribui para avaliar fatores de localização industrial tradicionais. Hoje não é mais um obstáculo localizar uma empresa no extremo de uma metrópole de 160Km de longitude, o que não significa que seja em termos de desdobramento das condições de trabalho.

As normas de qualidade em processo próprios das empresas reconvertidas contribuem notavelmente para reduzir os conflitos ambientais. Mas na medida em que os territórios da reestruturação industrial na RMBA são mais sustentáveis em sua dimensão ambiental, são também mais "excludentes" economicamente e mais "desiguais" que os anteriores territórios de industrialização. Eles acentuam-se desde o momento que uma grande parte dos empresários não está em condições de incorporar-se na corrida pela competitividade.

A escala média: estes territórios da reestruturação industrial, na maioria dos casos, não têm zonas industriais específicas definidas, senão suas próprias lógicas de ocupação dominantes. Entre os progressos industriais de empresários e a materialização nos territórios de

¹⁶ Na definição destas instâncias estiveram presentes grandes discussões em muitos momentos criativos compartilhados com Sergio Resa e com outros amigos e companheiros, aos quais agradeço esta possibilidade, não fazendo-os responsáveis por esses parágrafos.

estabelecimentos de todos os tamanhos, há 13 milhões de pessoas, mais de 150.000 quarteirões e outras nove lógicas de ocupação territorial¹⁷ ademais da industrial. Em síntese, trata-se de: 1.- Centro metropolitano; 2.- Subcentros metropolitanos, urbanos e locais; 3.- Corredores; 4.- Localidades e bairros consolidados; 5.- Agrupamentos de zonas industriais; 6.- Grandes equipamentos; 7.- Âmbitos residenciais não consolidados; 8.- Âmbitos ao redor da cidade com residências e áreas de lazer; 9.- Âmbitos ao redor da cidade produtivos e 10.- Âmbitos naturais e com recursos degradados.

Há "efeitos de aglomeração industrial" com uma "capital formal" – serviços de base, equipamentos – mas também há muitos trabalhos para fazer em termos da "capital organizacional": em particular da formação e da gestão da empresa. Assim mesmo há "deseconomias de aglomeração" por congestão, saturação, desmoronamentos do meio e compatibilidade entre lógicas de ocupação que Buenos Aires está consolidando em seu centro e em alguns setores de sua primeira coroa.

Assim, emergem claramente "fortalezas territoriais genuínas" e "fortalezas contra-indústrias" desterritorializadas na escala local: não obstante, seus traços diferentes não chegam a conformar territórios que respondem exclusivamente a uma ou outra "fortaleza".

A escala micro: os territórios da reestruturação industrial identificados pela RMBA constituem aproximadamente 95 lugares¹⁸. Concentram-se em uma superfície aproximada de 1% da região mais de um terço do que ela produz; um sexto da população ativa; a metade do transporte automotor pesado da região e uma porção muito menor dos conflitos ambientais que a indústria provocava há uma década.

Os traços característicos permitem definir este território em termos de padrões territoriais da indústria na RMBA. Trata-se de territórios na

¹⁷ Escolhemos o conceito "lógica de ocupação" em lugar de outros como o de "formas ou modos de ocupação da terra", porque supõem um aprofundamento no conhecimento dos processos que permitem explicar a natureza complexa de cada uma das manifestações territoriais diferenciadas por seus traços essenciais, mais do que por sua forma ou sua função.

¹⁸ A partir do reconhecimento das principais características da sua trajetória industrial, da relação espacial de 347 zonas e agrupamentos industriais tratados no AIMBA – Atlas Industrial Metropolitano – e na MITS – Matriz Industrial Territorial de Síntese – e de sua articulação com as nove lógicas de ocupação restantes na RMBA, definem-se finalmente 95 territórios. Desejo expressar meus agradecimentos a Silvana Fernandez por finalizar este interminável trabalho.

escala de bairros ou locais com características industriais mais ou menos semelhantes, definidos a partir de sua trajetória industrial e de doze traços considerados representativos do processo de industrialização e da atual reestruturação¹⁹.

A partir da consideração dos traços semelhantes identificamos, finalmente, treze padrões territoriais da indústria. Há mais ganhadores, mais perdedores, mas nenhum deles é campeão nem último colocado. Veremos, mais adiante, em que medida cada um deles se aproxima dos quatro tipos territoriais que já analisamos.

Determinamos vinte e cinco indicadores para avaliar os territórios da reestruturação industrial²⁰. A matriz que realizamos tenta sintetizar o comportamento dominante de cada um deles nos treze padrões territoriais identificados até a atualidade. A complexidade interna de cada padrão territorial (os treze, dos quais já falamos) totalizam quase uma centena de territórios da reestruturação industrial – permitimo-nos operacionalizar, qualitativamente, seu tratamento selecionando três valores que representam a intensidade do peso relativo de cada indicador.

Finalmente, estabelecemos qual dos quatro territórios da reestruturação se aproxima melhor a cada padrão territorial. Em futuras propostas, as características destes pesos relativos poderão ser interpretadas positiva ou negativamente, proporcionando elementos que permitirão definir estratégias.

¹⁹ A partir do reconhecimento das principais características da sua trajetória industrial, da relação espacial de 347 zonas e agrupamentos industriais tratados no AIMBA – Atlas Industrial Metropolitano – e na MITS – Matriz Industrial Territorial de Síntese – e de sua articulação com as nove lógicas de ocupação restantes na RMBA, definem-se finalmente 95 territórios. Desejo expressar meus agradecimentos a Silvana Fernandez por finalizar este interminável trabalho.

²⁰ Trata-se dos seguintes indicadores: 1.- Trajetória industrial; 2.- Trajetória dos bairros; 3.- Trajetória da centralidade; 4.- Trajetória ao redor da cidade; 5.- Relação com lógicas de ocupação; 6.- Zonas industriais específicas com física natural; 7.- Conflitos ambientais reais e/ou potenciais; 8.- Zonas industriais específicas com física construída; 9.- Infraestrutura e serviços; 10.- Meio industrial local; 11.- Situação normativa; 12.- Vantagens fiscais; 13.- Tendências de inversões industriais; 14.- Tendências de desindustrialização; 15.- Reconversão industrial em processos; 16.- Reconversão industrial organizacional; 17.- Dinâmica de fusões e aquisições; 18.- Mudança no peso relativo de atratividade industrial e cemitérios; 20.- Encadeamento para trás; 20.- Encadeamentos entre indústrias; 21.- Ligamentos sociais nos terminos de vales de emprego e subempregos; 22.- Acessibilidade econômica em termos de avenidas de transporte de cargas; 23.- Centro científicos e tecnológicos; 24.- Posição no mercado urbano e 25.- Posição no Mercosul.

Neste contexto, a definição de uma política industrial viável para a indústria em reestruturação deve partir do reconhecimento dos traços mais dinâmicos aderentes a cada padrão territorial, tanto positivos como negativos. Assim, identificamos os complexos matrizes que cada lugar pode ter em todos ou quaisquer dos quatro tipos de territórios reconhecidos pela investigação: atratividade, pseudo-atrativa, cemitério industrial e tecido misto.

Qual política territorial para a indústria metropolitana?

Na Argentina há uma debilidade visível e histórica em matéria de políticas territoriais para a indústria nos níveis institucionais, nacional, estatal e municipal. Apesar da pouca importância que têm freqüentemente as zonas territoriais específicas e uma certa concepção da territorialidade na elaboração de uma política de reestruturação, elas devem necessariamente, articular-se com o perfil dominante da política industrial.

Esta política territorial deve orientar-se para encontrar - ou bem para gerar - as zonas industriais específicas mais vantajosas que em cada caso pretende produzir os ganhadores e os perdedores, os atrativos e os pseudo-atrativos, os cemitérios e os territórios mistos. Supondo que, ao menos, sucedam e/ou coexistam três critérios da política industrial (Perez Nunes, 1993)²¹ achamos conveniente aprofundar as ações corretas, ao analisar o estado da marcha dos programas associados no centenário dos territórios estudados, com suas zonas territoriais específicas mais salientes. Assim aparecerão novos instrumentos que permitirão planejar uma estratégia territorial industrial mais genuína que a soma dos Parques Industriais - SIP - Setores Industriais Planificados - e zonas industriais de ordenanças de uso. Não nos esqueçamos que menos de 80% da indústria encontra-se fora das áreas industriais planificadas reconhecidas pela legislação estatal.

21 Ao analisar a política industrial dos anos noventa na América Latina, o autor (1993:43) reconhece três critérios que permitiriam estabelecer prioridades para sua aplicação. Trata-se, em síntese, de: 1.- Políticas de estímulos ao mecanismo de mercado; 2.- Política do tipo territorial neutra ou horizontal e 3.- Políticas de intervenções diretas ao nível setorial.

É válido, segundo nossa opinião, considerar a definição de uma política territorial metropolitana para a indústria desde o máximo nível institucional, nesse caso a Secretaria da Indústria da Nação. Para sua concretização e sua gestão é mais viável acompanhá-la com a participação de outros níveis da administração: o estado e os municípios; neste contexto institucional sugere-se incluir a competência estatal mesmo considerando que as repartições públicas encarregadas de normas sobre Parques, SIP e Zonas Industriais sejam diferentes²².

Já faz dez anos que vimos investigando os territórios da região metropolitana²³. Perguntamos: a política territorial de apoio à indústria que estudamos é favorável para não aprofundar o problema dos cemitérios industriais da primeira coroa metropolitana? As microempresas têm taxas de fechamento e mudança, as pequenas PyMEs vegetam, morrem.... Mas muitas lutam e se esforçam para sobreviver, enquanto outras debatem para crescer em termos de competitividade. Assim, de que forma podemos oferecer-lhes uma ajuda no que concerne à relação território-indústria?

No mundo industrial metropolitano de Buenos Aires há âmbitos nos quais se observa um importante amadurecimento na gestão empresarial e

22. No informe recentemente apresentado na Secretaria da Indústria da Nação, havíamos realizado mais de 600 entrevistas nos 134 municípios do Estado, assim como em quatro repartições estatais (a Secretaria de Indústria, a Secretaria da Política Ambiental, a Secretaria das Terras, Urbanismo, Moradia e a Sub Secretaria de Assuntos Municipais). Estes órgãos orientam

a investigação supondo a existência de trajetórias institucionais paralelas sobre a indústria não sempre articuladas; isto apresenta no que concerne aos usos da terra e ao ordenamento territorial, esta situação produz normas que regulam o território estatal com diferentes alcances: Lei 10.119 de Parques Industriais, Lei 11.459 da Radicação Industrial e Decreto - Lei 8912 de ordenamento territorial e uso da terra..

23. No informe recentemente apresentado na Secretaria da Indústria da Nação, havíamos realizado mais de 600 entrevistas nos 134 municípios do Estado, assim como em quatro repartições estatais (a Secretaria de Indústria, a Secretaria da Política Ambiental, a Secretaria das Terras, Urbanismo, Moradia e a Sub Secretaria de Assuntos Municipais). Estes órgãos orientam

a investigação supondo a existência de trajetórias institucionais paralelas sobre a indústria não sempre articuladas; isto apresenta no que concerne aos usos da terra e ao ordenamento territorial, esta situação produz normas que regulam o território estatal com diferentes alcances: Lei 10.119 de Parques Industriais, Lei 11.459 da Radicação Industrial e Decreto - Lei 8912 de ordenamento territorial e uso da terra..

pública local que pretende apoiar a criação de meios industriais planejados, mas persistem dificuldades na ação de detectar os melhores lugares para a radiação industrial considerando fundamentalmente as lógicas de ocupação, a conectividade e a acessibilidade. Na maioria dos casos estamos nos referindo aos núcleos dos cemitérios industriais e dos tecidos mistos mencionados.

Não obstante a presença de lugares nos municípios com uma importante trajetória industrial com elementos favoráveis que permitiriam a possibilidade de chegar a promover a criação de agrupamentos industriais planejados, não temos verificados em todos os municípios trajetórias de gestão de empresariado local que permitam confirmar a existência de um meio atualmente favorável para a sua instalação.

Considerando, inclusive vantajosas, as trajetórias industriais e as elevadas taxas de acessibilidade e conectividade em relação a outros agrupamentos, como também compatibilidade entre lógicas de ocupação, devemos sublinhar que se não há maturidade suficiente na gestão, também não há nenhum interesse orientado na construção de um espaço mínimo de crescimento. Assim, os Parques ou SIPs correm o risco de naufragar totalmente, derivando uma pseudo-atratividade territorial que poderá fazer fracassar o agrupamento territorial de apoio à sua própria criação.

Na primeira coroa metropolitana encontram-se os lugares potencialmente conflitivos da RMBA. Considerando a diferença que supõe a lógica de ocupação, um tecido micro empresarial em relação a um tecido PyME - em meios com importante trajetória nos bairros - propomos complementar a proposta com três estratégias mistas (público-privada) em relação à localização industrial²⁴. Nelas estão escondidas políticas territoriais explícitas de apoio à localização industrial. Podemos resumi-las da seguinte maneira:

1- O apoio no conjunto do micro empresariado e do empresariado PyME com nível de complexidade ambiental 1, que não causa conflitos com o bairro onde se instala, essencialmente no que se refere à oferta de espaço para expansão de seus processos produtivos.

2- A possibilidade de aprofundar a experiência - mesmo que pequena mas com êxito - dos casos ilhados de encubadoras de micro e pequenas empresas, fundamentalmente para os casos de empresários com dificuldades por falta de espaços para a realização de processos produtivos em sua propriedade.

3- A possibilidade de consolidar a realização de Parques Industriais PyMEs - em uma dezena de municípios da primeira coroa metropolitana: aqueles com maior trajetória industrial. Propomos aqui os âmbitos em condições de aproveitar as vantagens comparativas que supõem a proximidade a vales de emprego e subemprego com níveis - de qualificação média e alta - existentes, mas também reconhecemos as vantagens que supõem o amadurecimento das políticas e dos acordos locais, principalmente nos municípios que buscam alternativas para não aprofundar a "sangria industrial" das últimas duas décadas.

Na segunda ou terceira coroa metropolitana os riscos e as ameaças são diferentes. Nos últimos anos observa-se um forte impulso dirigido ao empreendimento de atividades industriais e comerciais (tanto de atacado e como da distribuição no varejo). Neste contexto consideramos que os territórios possíveis não são somente aqueles normatizados pelo Estado, como Parques, setores e zonas industriais, senão também os "Pátios de distribuição de carregamento", centros de serviço ao transporte e à indústria, Parques temáticos, Parques polivalentes e certas plataformas logísticas. Mesmo dessa forma não parece ainda ser possível, em Buenos Aires, implantar os Parques nem os pólos tecnológicos e mais ainda, tampouco encontramos os germens para uma cidade tecnológica, pelo menos com um caráter de atratividade territorial genuíno.

Atualmente os territórios com maior atratividade territorial respondem às iniciativas privadas e não às públicas. Encontramos casos de gerações de uma combinação casual de inversões privadas em corredores rápidos da segunda coroa metropolitana realizados originalmente pelo Estado e também identificamos importante progresso industrial por parte de alguns empresários²⁵.

Mas "nem tudo que brilha é ouro". Criar um Parque Industrial ou uma plataforma logística é uma coisa, mas ter êxito é outra coisa bem diferente. Não se alcança apenas pelo fato de se dispor de terrenos em quantidade suficiente, tampouco com parcelas de serviços de baixo custo ou até mesmo gratuitas. Os empresários avaliam outros aspectos quando escolhem um lugar para instalar suas empresas, embora pareça que em muitos escritórios de implantações municipais, não apenas da RMBA, senão

²⁵ Entre os 95 territórios estudados, identificamos dois corredores principais, sendo o mais importante ao norte e um outro ao sul. Trata-se, respectivamente, da primeira estrada metropolitana - a Panamericana - entre o riacho Basualdo e a cidade de Garín, e a estrada 2 entre o riacho Conchitas e a localidade do El Pato. No que concerne aos empresários, destaca-se o caso de Meyer Oks - o gestor dos Parques Industriais Oks em 1959 e Pilar em 1972.

de todo o país, os profissionais e os técnicos não conhecem mais que uma parte da realidade.

O que permanece então para os empresários de hoje que tentam fazer, em dois ou três anos, o que outros levaram vinte ou trinta anos? Qual é o lugar da cultura industrial e qual é o lugar da lógica da inversão nos setores mais rentáveis? Hoje, empresários grandes e meio grandes, definem suas estratégias de inversão imobiliária ou industrial em cemitérios entre aqueles mais dinâmicos: torres de apartamentos de luxo, moradias em copropriedades, edifícios inteligentes, clubes de campo, bairros fechados, grandes centros comerciais, estradas com pedágios... As fortalezas não são conseguidas somente pela concretização de oportunidades, mas há uma base mais sólida que provoca o seu êxito. No que concerne à reestruturação industrial, encontramos aqui a trajetória industrial, a aceitação da mudança que supõe as novas formas de produção e de organização na indústria, as negociações organizadas, a criação de alguns entornos locais favoráveis, os acordos graduais internos de como operar, a geração de espaços comuns de concentração entre o Estado e os grupos de empresários... Enfim, todos contribuem para os novos cenários com atratividade genuína.

Uma das formas de operar esta concepção para uma política territorial é introduzir no tecido institucional e normativo vigente e avaliar as condições de atratividade territorial em cada um dos agrupamentos industriais. Por isso propomos identificar as fortalezas e debilidades nos seus lugares a partir da instalação, do desenvolvimento e da consolidação de indústrias e de empresas associadas aos circuitos mencionados²⁶. A intenção final desta proposta é identificar quais poderão ser as linhas de inversão para se potenciar em cada agrupamento, em função dos graus de desenvolvimento, de amadurecimento e das trajetórias registradas.

Os critérios da priorização da inversão do apoio à criação, consolidação e/ou fortalecimento de agrupamentos industriais começam a surgir da combinação de pelo menos quatro aspectos: a trajetória industrial, as lógicas de ocupação, a acessibilidade e conectibilidade e o cenário favorável para o amadurecimento desses aspectos.

²⁶ Para avaliar a atratividade territorial trabalhamos ao menos com dez aspectos. Em síntese, trata-se de: 1- perfil industrial; 2- disponibilidade de terra; 3- nível de inversão; 4- benefícios fiscais; 5- gestão; 6- infra-estrutura; 7- acessibilidade, 8- entornos empresariais; 9- lógicas de ocupação e 10- relação com o meio físico.

Não acreditamos conveniente "misturar e dar de novo" nem tampouco acreditamos na falta de oportunidade regulada em matéria de agrupamentos industriais em nível estadual. Propomos uma segunda idéia, que é aquela de apoio à criação de Parques e SIPs, ali onde as instituições competentes já o realizam pelo menos há duas décadas. É vantajoso aprofundar a investigação para descobrir as possíveis linhas de apoio a políticas territoriais para a indústria naqueles lugares que pretendem melhorar as condições para a radicação industrial em relação a outros setores hoje existentes nas normas estaduais e municipais.

Há mais de duas décadas que se dizia: "...já não é mais a indústria que cria a cidade senão a cidade que desenvolve a indústria" (Castells: 1995). Hoje, a reestruturação industrial não cria a cidade e esta tampouco desenvolve a indústria: a reestruturação econômica mundial "constroi" as metrópoles dos países periféricos, que vão se transformando em cenários prediletos para uma competição mais selvagem que nas metrópoles de países inovadores.

A indústria de uma metrópole de um país não central no mundo globalizado deve já definir uma política territorial que inclua necessariamente as fortalezas e as debilidades da sua reestruturação industrial. Dessa maneira, elas poderão reduzir o efeito ocasionado pelo "croupier" quando este põe sua ficha - em Buenos Aires, entre muitas outras metrópoles - sobre um tabuleiro do jogo mundial, consolidando as decisões de gigantes econômicos, na estratégia dominante de fundar-se em cada território e mais proximamente da internacionalização de seus mercados, marginalizando, no meio do caminho, políticos e decisores...

Enfim, acreditamos ter tratado de responder em particular questões sobre ganhadores e perdedores, sobre a atratividade autêntica e sobre cemitérios industriais da metrópole com a mais longa história industrial da América Latina, que é Buenos Aires.

Bibliografía

- AZPIAZU, Daniel. NOCHTEFF, Hugo. *El desarrollo ausente*. Buenos Aires: Flacso-Tesis Norma, 1994.
- BORON, Atilio. "Los actores y el libreto: los sujetos sociales de la reconversión industrial en Argentina". In: *Industria, Estado y Sociedad. La reestructuración industrial en América Latina y Europa*. Caracas: Eural - Nueva Sociedad, 1989, p.365-391.
- BOZZANO, Horacio. "Qué Industria para qué Ciudad. La aplicación de las leyes número 8912/77 y 11459/95 en la Región Metropolitana de Buenos Aires".

- Aires". *Revista Argentina del Régimen de la Administración Pública*. (Suplemento Especial n. 2). Año XIX, 1997.
- BOZZANO, Horacio "Les Territoires de la Réstructuration Industrielle dans la Région Métropolitaine de Buenos Aires". Paris: IHEAL- Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle, 1999. (Thèse de Doctorat, 576 p. et 226 cartes).
- BOZZANO, H., NACLERIO, A., FERNANDEZ, S. et al. "Parques, Sectores y Zonas Industriales de la Provincia de Buenos Aires. Conformación de una base de datos y Evaluación de la localización existente". *Informe CEB - Centro de Estudios Bonaerense*. Proyecto PNUD, Argentina 98/013. Buenos Aires: Secretaría de Industria, Comercio y Minería, Ministerio de Economía de la Nación, 1999.
- CHIOZZA, Elena. "La integración del Gran Buenos Aires". In: *Buenos Aires Historia de Cuatro Siglos*. Buenos Aires: Abril, 1983, p.421-449.
- CORAGGIO, José Luis. "Sobre la espacialidad social y el concepto de región". *Territorios en Transición*. Quito: Ciudad, 1989.
- CUADRADO ROURA, Juan R. "Facteurs de localisation industrielle. Nouvelles tendances". *Revue d'Economie Régionale et Urbaine*. Paris, n. 3, 1989, p. 471-490.
- GUIMARÃES, Roberto. *Aterrizando una Cometa: Indicadores de sustentabilidad*. Rio de Janeiro: DPPR, 1998.
- JAVET, Hubert. Territoires et concurrence territoriale. *Revue d'Economie Régionale et Urbaine*. Paris, n. 1, 1993.
- KATZ, Jorge. "Las estrategias de las empresas: Resultados de un conjunto de estudios latinoamericanos" In: Seminario "Reconversión Industrial e Integración Latinoamericana". Proyecto Multinacional Materiales OEA-CNEA. Buenos Aires: Centro Atómico Constituyentes, 1996.
- KOSACOFF, Bernardo, BEZCHINSKY, Gabriel. "De la sustitución de importaciones a la globalización. Las empresas transnacionales en la industria Argentina". In: KOSACOFF et al. *El desafío de la competitividad. La industria Argentina en transformación*. Buenos Aires: CEPAL/ Alianza Editorial, 1993.
- MAILLAT, Denis, CREVOISIER, O., LECOQ, B. "Réseaux d'innovation et dynamique territoriale. Un essai de typologie". *Revue d'Economie Régionale et Urbaine*. Poitiers, 1991, n. 3/4, p.407-432.
- PERES NUNEZ, Wilson. "Dónde estamos en política industrial?" *Revista de la Cepal*. Buenos Aires, 1993, n. 51.
- PERRIN, Jean-Claude. "Organisation industrielle: la composante territoriale" *Revue d'Economie Industrielle*. Paris, 1990, n. 51, p.276-303.
- RAFFESTIN, Claude, TURCO, A. "Espace et pouvoir". *Les concepts de la Géographie Humaine*. Paris: Masson, 1984.
- REVEL-MOUROZ, Jean. "Territoires des nouvelles technologies". In: *Innovations technologiques et mutations industrielles en Amérique Latine*. Paris: IHEAL, 1992, p. 341-344.
- SCHVARZER, Jorge. "La implantación industrial". In: *Buenos Aires Historia de Cuatro Siglos*. Buenos Aires: Abril, 1983, p. 223-239.
- SCHVARZER, Jorge. "Grandes grupos económicos en la Argentina. Formas de propiedad y lógica de expansión". In: KOSACOFF, B., SCHWARZER, J. "Más allá de la estabilidad. Argentina en la época de la globalización y la Regionalización". Buenos Aires: Fundación Ebert, 1995.
- TADDEI, Dominique, CORIAT, Benjamin. *Made in France. L'industrie française dans la compétition mondiale*. Paris: Le Livre de Poche- Librairie Générale Française, 1993, 471 p.